

## **ANÁLISE DOS ASPECTOS SIMBÓLICOS PRESENTES NA JOALHERIA EGÍPCIA DECORRENTES DO REINADO DE AKHENATON**

Andressa Eduarda Sorian (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Cristina do Carmo Lucio Berrehil el Kattel (Orientador), Bruno Montanari Razza (Co-orientador), e-mail: andressa98.e.s@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia/Maringá, PR.

**6.00.00.00-7 – 6.12.00.00-0**

**Palavras-chave:** Design de joias; joalheria egípcia; Akhenaton.

### **Resumo:**

Este artigo analisou as alterações dos aspectos simbólicos da joalheria egípcia relacionadas às mudanças ocorridas no reinado do faraó Akhenaton, por meio da comparação dos ornamentos utilizados por integrantes da realeza, especificamente os faraós, antes, durante e após seu reinado, a fim de entender como essas mudanças afetaram a simbologia da joalheria egípcia. Foi utilizado o método descritivo, através de levantamento bibliográfico, documentários, matérias e imagens fontes idôneas. Durante o reinado de Akhenaton, o Egito conheceu pela primeira vez o monoteísmo. As mudanças impostas durante a Reforma Religiosa afetaram não só a esfera político-social do país, mas também seus aspectos culturais, e é possível observar mudanças em especial na arte, tanto em relação ao estilo utilizado como nos temas retratados. Na joalheria, as mudanças parecem ter sido semelhantes; os temas retratados passam a ser apenas aqueles relacionados ao faraó e ao deus Aton ou ao sol e a natureza, como escaravelhos, serpentes, ou uraeus, e elementos da natureza, como plantas, e não mais animais e símbolos relacionados a outros deuses. Parece ter ocorrido também uma diminuição no uso de joias e mesmo as utilizadas possuíam aspectos mais simples do que podemos encontrar em joias mais detalhadas em diversos períodos da história do Antigo Egito.

### **Introdução**

O reinado de Amenhotep IV durou de 1364 a 1347 a.C. (JACQ, 1999), período em que o faraó impôs o monoteísmo pela única vez na história do Egito antigo. Pouco tempo após assumir o trono, alterou seu nome para Akhenaton – “aquele que adora Aton” – e passa a assumir o posto de sumo sacerdote de Heliópolis. Para impor seu novo ideal, tira do clero o poder de gestão de bens importantes, que passam a pertencer à coroa, e impõe o culto a um único deus, Aton (JACQ, 1999). Durante seu reinado, suprimiu os cultos a outros deuses, impondo o monoteísmo aos seus súditos, que entretanto não o adotaram por completo, mesmo na nova cidade por ele criada e chamada Akhetaton (JACQ, 1999; PLANETA DE AGOSTINI, 2006). Estas

mudanças afetaram a forma de vida de todos, influenciando assim a arte local. Com isso buscamos através da análise de peças deste período entender como essas mudanças afetaram o uso e simbologia da joalheria.

## **Materiais e métodos**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, onde foi realizado levantamento bibliográfico e documental. Foram contactados bibliotecas e museus especializados, dos quais obteve-se resposta por e-mail do Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba, o qual indicou a professora dra. Liliane Cristina Coelho, e da Casa Museu Eva Klabin, onde informaram não possuir materiais do período solicitado. Foram obtidos ainda contatos com a arqueóloga Márcia Jamille, e com o egíptólogo Ronaldo G. Gurgel Pereira, que indicaram materiais para leitura.

## **Resultados e Discussão**

Para os egípcios, cada detalhe era repleto de significados simbólicos. Os hieróglifos (unidades ideográficas do sistema de escrita) eram considerados divinos e portadores de poderes, podendo aparecer nas representações de forma explícita ou escrita, ou de uma forma mais sutil, onde o mesmo aparece formado por pessoas, objetos, gestos ou animais que compõem a obra (WILKINSON, 1994).

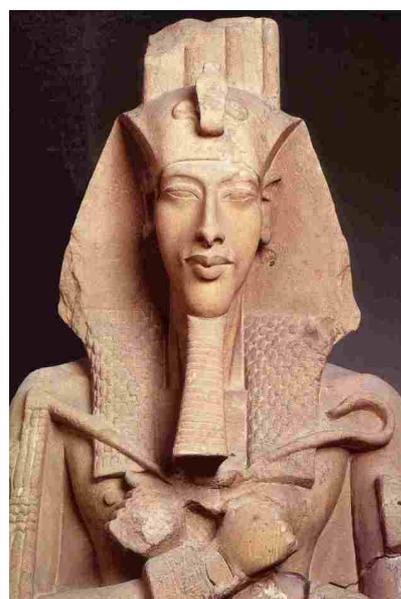
Os materiais mais duráveis, como metais e pedras, eram os mais importantes (CHAPOT, 2015). O ouro, segundo Chapot (2015), era relacionado ao sol e considerado a “carne de Ra”, enquanto a prata era associada a lua e aos deuses lunares, além de ser considerado material constituinte dos ossos das divindades; outros metais, como o ferro e chumbo, eram utilizados em amuletos e possuíam simbolismo cósmico (WILKINSON, 1994). As madeiras utilizadas costumavam ser extraídas de árvores ligadas a divindades egípcias, carregando grande valor simbólico (WILKINSON, 1994). As tumbas e templos eram construídos em pedras não preciosas, pois estas estavam ligadas ao imutável, incorruptível e permanente, já os amuletos eram confeccionados em pedras semipreciosas, como turquesa, cornalina, malaquita e o lápis lazuli, considerado portador de alto valor simbólico por sua aparência semelhante ao céu; os egípcios acreditavam que o material apropriado potencializaria o poder do amuleto (WILKINSON, 1994).

Outro aspecto muito importante era a cor, pois conferia vida às representações (WILKINSON, 1994). Os egípcios possuíam uma paleta de cores com poucas variações. O vermelho por exemplo era associado ao sangue, fogo, deserto, forças caóticas e desordem, mas também à vida, regeneração e ao sol (ROBINS, 1986 *apud* CHAPOT, 2015). O azul, a cor de Amon-Ra, era relacionado aos céus e as águas simbolizando a vida e o renascimento, por estar relacionado também ao rio Nilo (ROBINS, 1986 *apud* CHAPOT, 2015). O verde, à vida em crescimento, saúde e vitalidade (ROBINS, 1986 *apud* CHAPOT, 2015). O amarelo, ao sol e a pele dos deuses. O branco era símbolo de purificação e também era utilizado relacionado ao sol (ROBINS, 1986 *apud* CHAPOT, 2015). O preto, ao Mundo Inferior, cor da noite e

da morte, também era relacionado ao solo do vale do Nilo, e por isso em alguns contextos simbolizava fertilidade (ROBINS, 1986 *apud* CHAPOT, 2015).

Os números eram um elemento simbólico, especialmente o 2,3,4, 7 e seus múltiplos (CHAPOT, 2015). O dois era símbolo da dualidade e unidade, conceito muito presente no pensamento egípcio, onde “oposições complementares”, levam a uma “síntese unitária” (CARDOSO, 1999 *apud* CHAPOT, 2015). O três e seus múltiplos representam a pluralidade, sendo muito presente nas famílias divinas, ou tríades como Isis, Osiris e Hórus (CHAPOT, 2015). O quatro simboliza a totalidade, por estar relacionado aos quatro pontos cardeais, e a perfeição (WILKINSON, 1994; CHAPOT, 2015). O sete era relacionado a perfeição e efetividade, sendo a soma dos números três e quatro possuiria o simbolismo dos dois juntos (WILKINSON, 1994). O número nove representa os nove deuses que originaram o universo, assim como os “nove arcos”, inimigos do Egito (CHAPOT, 2015).

O escaravelho e a serpente eram muito representados no antigo Egito, associados ao sol. O escaravelho simbolizava o renascimento e era muito utilizado em rituais funerários, ou até mesmo em vida (VARELA, 2014), enquanto as serpentes, ou Uraeus, representavam os olhos de Rá, sendo utilizado adornando as coroas de membros da realeza (BAKOS, 2003).



**Figura 1** – Bracelete de ouro e pedras preciosas do faraó Tutankhamon (à esq.) Fonte: Ferreira (2018). Busto de Akhenaton com serpente uraeu. Fonte: Lopes (2007)

## Conclusões

Percebe-se que os elementos e objetos utilizados eram muito ligados a aspectos políticos e religiosos, e em sua maioria com fins ritualísticos. Como no antigo Egito religião e política eram interligados, as mudanças ocorridas na esfera política afetavam diretamente a religião e conseqüentemente os ornamentos utilizados. Ao analisar as peças encontradas, percebe-se diferenças entre os períodos políticos,

sendo que as principais mudanças parecem ter ocorrido em relação a temática presente nas peças, e seu detalhamento e qualidade estética. As peças do reinado de Akhenaton passam a apresentar somente elementos relacionados à natureza, Aton, ou ao sol, como o escaravelho ou até mesmo a representação do disco solar, assim como inscrições com o seu nome ou referentes a nova religião. Nos outros períodos, as temáticas referem-se a outras divindades e símbolos representando deuses da religião politeísta. Quanto ao detalhamento das peças, percebe-se um gradativo desinteresse por peças com grande detalhamento dos faraós anteriores a Akhenaton. Durante seu reinado, esse interesse parece ter se dissipado ainda mais e as peças apresentam menos elementos e menos detalhes, tornando-se peças com bom acabamento, porém simples. Já durante o reinado de Tutankhamon, seu sucessor, as peças voltam a possuir grande número de detalhamentos e qualidades estéticas, além de símbolos politeístas. Conclui-se assim que durante o período da reforma religiosa, o interesse por ornamentos diminuiu possivelmente por se tratar de uma religião monoteísta, voltada a elementos visíveis e a natureza, diferentes da simbologia complexa do politeísmo clássico egípcio.

## Agradecimentos

Agradecimento à Universidade Estadual de Maringá pelo aporte financeiro.

## Referências

- BAKOS, M. M. A Egíptomania a serviço da Egíptologia. In: SEMANA NACIONAL DE ESTUDOS EGIPTOLÓGICOS, 1., 2002. **Palestra**. Curitiba: UNIANDRADE 2003.
- CHAPOT, G. **A família real amarniana e a construção de uma nova visão de mundo durante o reinado de akhenaton (1353-1335 a.c.)**. 2015. 578 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Centro de Estudos Gerais, UFF, Niterói, 2015.
- FERREIRA, L. S. **Vestuário, Cosméticos e Joias**. 2018. 1 fotografia color. Disponível em: <http://abre.ai/egypt> Acesso em: 30 jul. 2019.
- JACQ, Christian. **O egipto dos grandes faraós**. Lisboa: Asa Editores li S.a., 1999. 249 p.
- PLANETA DE AGOSTINI. **Egitomania**. O fascinante mundo do antigo Egito. São Paulo: Editora Planeta de Agostini do Brasil, 2016, v. 9.
- LOPES, M. S. **Akhenaton, segundo Mahfouz**. My Est-West, 2007. 1 fotografia color. Disponível em: <http://goo.gl/agieXi> Acesso em: 16 abr. 2018.
- VARELA, J. V. **Amuletos no Antigo Egito**. 2014. Seminário de história antiga. 26 f. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- WILKINSON, R. H. **Symbol and Magic in Egyptian Art**. London: Thames and Hudson, 1994.